



Relato da 8ª roda de conversa de conversa da Frente Estamira de CAPS:

Desafios dos Serviços Residenciais Terapêuticos durante a pandemia

Dia: 02/06/2020 (3ª feira)

Horário de início: 17h05min

Horário de término: 18h45min

Local: Google Meet (sala de reunião virtual)

Participantes: Adriana Santos, Alberto Farias, Ana Lúcia Togeiro, André Correia, Andrea Gomes, Andréa Satler, Alessandro Barbosa, Ariane Ferreira, Bárbara Guideroni, Bethânea Caetano, Camila Butinholti, Camila Covas, Camila Poubel, Camille Figueiredo, Cassiany Passos, Christiane Goulart, Cristiane Carvalho, Cristina Ventura, Daniele Marins, Dayse Lúcia, Denise Pimenta, Diogo Marques, Diogo Sousa, Edna Candida, Eleida Silva, Élide Terenço, Fabiana Solis, Fátima Cristina, Greice Carius, Ilana Fonseca, In-coelli, Irma Ribeiro, Janaina de Castro, João Pedro de Oliveira, Juliana Sá, Juliana Tempone, Juliana Vinhais, Junia Prosdocimi, Laísa Viana, Leandro Pacheco, Leticia Candido, Lilian Magalhães, Livia B. Machado, Livia Esteves, Luana Charret, Maria Alice Bastos, Maria Clara, Maria Emyllia, Marla Ribeiro, Marli Lopes, Marise Lutterbach, Nilzete Costa, Pâmela Perez, Paula Cerqueira, Paulo Costa, Renata Antum, Pedro Gabriel, Priscila Toledo, Priscilla Vilella, Rafael Marinho, Renata Louzada, Rita Ayres, Roselia Martins, Rosemar Gomes, Rosemary Calazans, Sâmia Leite, Selma Brasil, Sinelle Valle, Sirlei Leal, Sueli Benante, Tania Kuperman, Tereza Cristina, Vladimir Athayde, Vivian Teixeira, Wal Tomaz, Wilton Gaioti. Participaram, em média, 65 pessoas.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Apresenta o tema da roda. Pelos dados da Secretaria Estadual de Saúde, temos cerca de 122 serviços residenciais terapêuticos no estado, sendo 65 do tipo I, e 56 tipo 2 de cuidados terapêuticos intensivos. Verificaremos e

disponibilizaremos esses dados na página da frenteestamira.org. Temos uma série de pessoas que foram contactadas pra poder falar sobre suas experiências nas residências terapêuticas, e são bem vindas as outras que puderem trazer experiências.

Bethânia Caetano (RAPS - Carmo): É assistente social, faz parte da RAPS de Carmo, convidou a Roselia que trabalha diretamente em residência terapêutica (RT). Carmo possui 17 RT's associadas à SES, com 113 pacientes e 98 cuidadores. O perfil desses pacientes, que estiveram anos internados no hospital estadual Teixeira Brandão, é em grande maioria idosos, a maior parte são diabéticos e hipertensos. Foi montada RT de Campanha nesse momento da pandemia. Alguns pacientes saem do município para fazer tratamentos como quimioterapia, e a partir de um paciente idoso que estava internado, que foi pro Rio fazer um procedimento cirúrgico e ficava no aguardo junto com os pacientes com suspeita de COVID, se pensou como seria esse retorno já que cada RT tem uma média de 6 moradores, mais 5 ou 6 cuidadores. Foi pensando nessa RT de Campanha para poder acolher provisoriamente esses moradores. Quais os critérios de inclusão nessa residência? Todos os moradores com síndrome gripal, moradores com suspeita de COVID mas que estejam estáveis, moradores confirmados e estáveis com COVID, e os moradores que estejam vindo de alguma internação hospitalar, com indicação de isolamento. Os casos graves vão para o hospital geral. Foram impressas recomendações para todas as RT's e cuidadores, foi disponibilizado EPI para todas as RT, reforçaram a orientação quanto à higienização, priorização de telentrega, suspenderam-se os passeios e saídas de táxi, orientação pros cuidadores quanto à troca de roupa antes de entrarem nas casas, sem visitas, e também houve reforço quanto às orientações pros cuidadores com sintomas de síndrome gripal. Na RT de campanha, os talheres usados são descartáveis, e quatro cuidadores que eram enfermeiros passaram por uma capacitação para ficar nessa RT de campanha. Traz como discussão a dificuldade nesse momento dos cuidadores de se fazer o oposto do que se vem trabalhando há 19 anos, são pacientes que já estão nas ruas, frequentando mercado, padaria, isso foi um trabalho minucioso até se conseguir essa inserção na sociedade, e a grande questão é como esses cuidadores estão lidando com o discurso inverso? Porque agora eles precisam ficar isolados, e os pacientes com estrutura psicótica são os com maior dificuldade de compreensão, Roselia pode falar melhor, e a complexidade entre esse trabalho de intervenção de 19 anos pelos cuidadores, e o desafio de dizer agora que precisam usar máscara, que não podem sair, que precisam ficar em

casa, dificuldade de compreensão porque eles já estavam na vida, esse retorno ao isolamento agora é o grande desafio, essa política inversa para garantir a vida. Outras ações além da RT de campanha estão acontecendo, como atividades de lazer dentro das casas, dinâmica, brincadeiras, com música ou dança, foi feito um campeonato de vídeos e uma votação aberta para saber qual vídeo tinha sido mais interessante, na tentativa de estimular atividades prazerosas dentro das casas. Disponibilizará posteriormente o material da residência terapêutica.

Roselia Martins (Cuidadora - RT em Carmo): Quando Bethânia fez o convite, disse pra falar o nome e há quanto tempo trabalha na RT, e se deu conta de que já se passaram 5 anos que trabalha na residência. Tinha muito medo quando se falava dos moradores da residência, era um trabalho que não queria, foi porque precisava do dinheiro. Mas quando começou a trabalhar ficou apaixonada pelo trabalho, pelo cuidado. A inserção deles na sociedade foi uma luta muito grande, onde trabalha são 9 homens dentro de uma casa, a maioria são autônomos, vão no banco, recebem, pagam contas, e quando veio a pandemia, como é que você vai falar que ele não pode ir no banco, ir na loja? Foi bem difícil, ficar com 9 homens dentro de casa o dia inteiro sem poder sair pra lugar nenhum, se perguntou como é que vai ser agora. Tem uns que não entendem, acham que “não, eu vou, eu tenho que fazer”, e aí tem que ter todo aquele trabalho de estar explicando, falando... Pra gente também foi difícil, tivemos que nos adequar à pandemia, a rotina mudou. Eles estavam acostumados a sair, fazer festa de aniversário, viajar, e esse ano tivemos que privar eles de quase tudo, não pudemos fazer mais festa, tivemos que fazer um bolinho só em casa, não pôde convidar ninguém. Aí começaram a se adequar, começamos a fazer atividades que eram prazerosas. Compraram uma TV por uma questão de tamanho, eles quiseram porque a outra era pequena, mas com a compra da TV veio outra surpresa. Essa é mais moderna, tem wi-fi, puderam estar entrando no Google, perceberam que gostaram, tem mais acesso a filme, música, não ficou tão entediante pra eles ficarem dentro de casa. Tem uns que não gostam de se misturar, gostam de ficar na deles, temos que respeitar individualidade de cada um, temos que respeitar o espaço. A televisão na casa foi uma maravilha. E agora tem um tal de Tiktok que tem aqueles vídeos engraçados, eles pedem pra gravar. Não está sendo fácil, porque o cuidado foi redobrado, até pra nós cuidadores. Nós não estamos podendo sair, quando sair tem que trocar roupa, calçado, máscara, no começo não foi fácil, agora estamos mais acostumados.

Tania Kuperman (Assessora de RT - Rio de Janeiro): Trabalha na superintendência, está na assessoria de RT, que é dividida em duas, trabalhando com a zona sul, zona norte e centro, enquanto Alessandra pega a zona oeste. Pode falar mais da área que ela acompanha. Não há RT de campanha infelizmente, achou essa experiência maravilhosa, e tem feito caso a caso, o que tem sido uma loucura. Quando temos um morador que apresenta algum sintoma de SG, a gente pensa como vai ser o isolamento dele, e aí vai depender da clínica do morador, da casa que ele mora, temos casa em que a gente conseguiu isolar um quarto, temos casas muito pequenas como a RT da Rocinha, felizmente ainda não tivemos nenhum caso de SG por lá, e vamos pensando. Tivemos algumas situações. Tivemos morador que conseguimos fazer isolamento dentro da casa mesmo usando máscara, tivemos um morador autista que aí a gente não conseguiu isso, colocamos um cuidador direto com ele com EPI dentro do quarto, e vamos lidando com cada situação que a gente se depara. Tem as situações do dia a dia. No rio são 92 RT's, com 491 moradores nesse momento, desses 491 temos 32 vagas em aberto, dessas vagas eu não separei os óbitos que já tivemos nas RT's por conta do COVID. Tem vaga que já estava aberta antes e não conseguimos fazer o trabalho de desins por conta da pandemia, tem vagas que estávamos esperando encontrar uma casa pra mudar, obras que estavam sendo necessárias pra gente fazer a desins, são algumas situações que ficaram em suspenso. Está no trabalho remoto, mas tem a equipe que está na linha de frente, tem o coordenador da RT, UAT, cuidadores, e tem dado supervisão remota pras equipes. E essa questão do trabalho inverso tem aparecido muito, fizemos tanto trabalho pras pessoas ocuparem o território e agora temos que dizer o inverso, e assim, o que a gente tem falado sobre isso é que na verdade é o inverso e não é o inverso, porque o nosso trabalho é que essas pessoas estejam na vida, temos visto alternativas para que essas pessoas estejam na vida dessa forma. Na supervisão digo que os malucos é que estão dizendo que tem que ir pra rua, quem não é doido tá sabendo que tem que ficar em casa. Nas RT's tem alternativas muito legais, tem RT que assinou netflix, compraram jogos, assistem lives de música, dentre outras. Fora isso, temos que lidar com algumas situações, por exemplo no CAPS Clarice, temos um morador que tá perseguido, com muita dificuldade de não sair de casa, a equipe tem avaliado que pode ser que abra uma crise por conta disso, então ele tem tido idas pontuais ao CAPS. Outra situação é no CAPS UERJ, um morador que pro projeto terapêutico dele é muito importante que ele frequente o CAPS, e a equipe de referência fez ligação de vídeo pro

cuidador, mostrando que o CAPS tava vazio, mostrando notícias, isso deu uma acolhida nele. Temos trabalhado as relações com os CAPS, as referências dos CAPS, como é que eles podem fazer. Hoje eu soube que uma referência de um morador do CAPS Clarice ligou pra uma moradora e elas fizeram bordado juntas, via telefone. Temos moradores que compraram celular a partir daí, e como não temos RT de campanha chegamos a fazer um protocolo que saiu no diário oficial sobre como as RT's precisam lidar com questões de higiene. Já tivemos alguns óbitos nas RT's, começou pela zona oeste, e temos tido agora nas últimas três semanas, infelizmente, de 1 a 2 óbitos por RT, questões com dinheiro também, como lidar pra pegar as coisas, isso é uma outra adaptação, a tutoria pública entregou os cartões de todos os curatelados, e por aí vai, tem milhões de situações que a gente pode entrar.

João Pedro (RT - São João de Meriti): Na baixada, em São João, estamos com desafio muito grande além das questões protocolares, de segurança, há essa questão da inversão do papel, isso também foi uma dificuldade, e tivemos questões relacionadas ao isolamento de alguns moradores que apresentaram síndrome gripal, tivemos acesso a testes rápidos pela prefeitura, conseguimos fazer esses testes dentro das casas, e com os resultados precisaram tomar algumas medidas, e percebemos que os moradores que apresentaram síndrome gripal e estavam infectados tinham níveis de autonomia mais baixos, precisavam de auxílio em relação à higiene pessoal, alimentação, os moradores mais autônomos não apresentaram ainda essa síndrome. Tivemos um morador internado, tivemos que fazer trabalho com a equipe sobre biossegurança, para de fato ter proteção. Precisamos nos aproximar cada vez mais do CAPS, porque só o cuidador fazendo a atividade de modo solto a gente percebeu que não teria tanto aproveitamento, a equipe do CAPS remotamente pôde dar contorno às atividades, ter um horário pra elas, ter os instrumentos. Temos hoje em São João 4 RT's, 1 casa com 8 moradores e outra casa que é dividida em 3 menores, e com os casos positivos precisamos fazer casas de isolamento, com os testes facilitou para observarmos. O desafio era acolher o medo da equipe diante de uma situação onde a gente poderia perder um morador, temos muito vínculo, e também em relação à compreensão do problema, como a gente poderia manter práticas de liberdade dentro de casa, entendendo e acolhendo os desejos dos moradores, como a gente disponibilizava informações pros moradores, mostrar matérias na televisão, internet, trazer o mundo com que a gente tem contato pra que eles pudessem entender e também manter isso dentro de um tempo. Um fator fundamental foi a testagem em

massa, isso foi fundamental para dar contorno, ter afastamento a tempo dos cuidadores, conseguimos ter manejo epidemiológico proveitoso.

Renata Antum (Coordenação de RT - São Pedro da Aldeia): É psicóloga e está na coordenação há 7 anos, são um serviço tipo II, atualmente são 6 moradores, coaduna com os colegas que tiveram dificuldade com o trabalho inverso, tem sido muito difícil. Está trabalhando remotamente porque tem asma, e dia 18 encomendou bolo que chegou lá, fez vídeo chamada, e num certo momento uma moradora questionou que “se a gente comemora o dia de não estar preso, porque estamos preso agora?”. Foi muito engraçado, pudemos falar sobre a importância do isolamento mas tem sido bastante difícil esse entendimento. Perceberam quadros de agitação intensa, agressividade, quadros de alguns moradores se agravando no isolamento. Combinou com CAPS de um técnico fazer vídeo chamada todo dia, ela também tem feito, para falar sobre suspensão de visitas familiares, de passeios. Vive dificuldade com paciente com retardo mental severo, visitava a mãe com frequência e visitas foram suspensas, a mãe é diabética, então há dificuldade na compreensão, há outro também com retardo mental moderado que visitava a tia idosa com frequência, então em alguma medida foi uma perda dessa vida social, gerando consequências difíceis de manejar. Tem tentado fazer outras atividades na RT, eles já tinham TV a cabo e estão tentando outras atividades, mas tem sido mais intenso, é difícil pra todos. Vê essa contramão de agora precisarem estar em casa, ficam dizendo que precisam ir na rua, então eles perderem a liberdade está sendo difícil. A prefeitura fornece EPI's para os cuidadores, moradores não aceitam estar de máscara, muito difícil ficarem.

Juliana Vinhais (CAPS Ad - Silva Jardim): Bia pediu para eu avisar que ela foi afastada porque está com sintomas da COVID, convidei ela porque ela é cuidadora desde a época da desins de Rio Bonito, e está até hoje na RT feminina mas infelizmente está difícil ela ficar falando. Ela (Juliana) não trabalha com RT, acompanha os pacientes no CAPS e acompanha os moradores da UA. Os problemas que os coordenadores estão falando são muito similares ao que ela vê na UA, estavam com dois moradores, agora estão com um e juntaram com a RT masculina para operacionalizar melhor. Tiveram um trabalho árduo de convencimento de um desses senhores, e finalmente quando ele vai pra UA, passa duas semanas e vem o isolamento. Faz vídeo chamadas com ele e ele diz que “Juliana, você me disse que eu não ia

ficar preso, que isso não seria uma prisão e que eu poderia fazer o que eu quisesse, e tudo o que eu peço pra fazer vocês dizem que eu não posso, não posso ir ao banco, não posso tomar a minha cachaça, não posso nada.” E isso piorou muito o quadro dele, inclusive em relação ao álcool, que ele estava conseguindo melhorar, em relação às relações também, ele tem um enfrentamento constante com as cuidadoras, e você vê que é por conta do isolamento. Se o CAPS tivesse aberto da maneira normal, eles estariam realizando várias atividades em que esse isolamento não estaria tão forte.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): As questões da UA tem similitudes com as da residência terapêutica.

Ilana Fonseca (RT - Silva Jardim): Em Silva Jardim existem duas RT, compartilha da dificuldade dos colegas, no começo foi difícil fazer compreenderem o porquê do isolamento. Tem RT masculina que tiveram dificuldade porque é muito pequena, não tem quintal, precisaram deslocar eles de casa para que ocupassem unidade de acolhimento que é uma casa muito grande, com jardim, quintal. Foi uma estratégia dialogada com eles, no começo não quiseram, mas foi chegando um momento em que reclamaram do calor, da falta de espaço, e fizemos essa troca. Como a UA não tá recebendo mais pessoas por conta da pandemia, tivemos espaço de sobra, fizemos a troca para que tivessem mais qualidade de vida. É uma dificuldade porque alguns pacientes têm apresentado algumas questões referentes ao isolamento, recentemente teve que ir a Rio Bonito para levar residente à casa da família, tiveram que fazer avaliação de risco, fazer contato com o município através da estratégia de saúde da família, para ver o grau de segurança, porque ela chegou no estágio de estar se recusando a se alimentar, sair da cama, tivemos que pensar no que seria menos prejudicial para a saúde dela naquele momento. As dificuldades são parecidas, estão buscando estratégias, cresceu o uso do telefone por parte dos moradores, fazem ligações para técnicos de referência, para que gente consiga passar por isso com o menor impacto possível. Tem entrado em contato com educadora física para propor atividades e suavizar o impacto do isolamento. Tiveram uma paciente que teve regressões no comportamento, ela veio de vinte e poucos anos de internação, veio perdendo os comportamentos inerentes ao hospital psiquiátrico a partir da convivência com os CAPS, e começou a apresentar alguns comportamentos que ela tinha perdido quando veio do hospital psiquiátrico. No começo do

isolamento ela (Ilana) ainda fazia visita à RT, e uma coisa que notou de cara foi das moradoras correrem para recebê-la, então o contato do dia a dia do CAPS faz diferença. No outro trabalho faz plantão, com risco de contágio grande, então suspendeu visitas. Atualmente o contato técnico tem sido por telefone, por vídeo chamadas.

Alana (RT - Porto Real): Coordena RT há 4 anos. Em Porto Real, só tem 16 casos confirmados e nenhum óbito, então está um pouco mais fácil para estar manejando, comércio está aberto, não tá tendo tanta medida de isolamento. O CAPS não está tendo atendimentos de grupo e oficinas, então moradores tem ficado em casa. Há uma moradora que estuda a noite e era o que mais gostava de fazer, mas não está indo. Moradores estão passando por processo de mudança, acontecerá na segunda, e na casa são só 4 moradores, a maioria tem diagnóstico de autismo e preferem ficar em casa, até tentam fazer passeios mas não querem ficar muito. Toda semana fazem algo temático, como noite de massas, comemoram aniversários, fazem um churrasco, lá já tem TV a cabo, usam, ouvem músicas, então a rotina não tem sido tão diferente.

Renata Louzada (RT - Resende): É assistente social, está na coordenação de RT em Resende há três anos. Lá tem RT tipo II, com 10 moradores, a maioria são idosos, então além da esquizofrenia lidam com o processo de envelhecimento todos os dias. Temos moradora perto de 70 anos que está com alzheimer, estão tentando ver como será essa forma de cuidado. Tem outro que fez 67 anos, fizeram aniversário para ele hoje, e por aí vai. Só há um rapaz na casa que tá perto de 40 e outro que tá perto de 60. Essa questão do isolamento, a gente só percebeu com um morador que veio pra RT no início do ano, que tinha vivência de rua, e pra ele foi muito difícil se adaptar à rotina, além de esquizofrênico fazia uso de outras drogas, e ficou 5 meses internado em leito psiquiátrico esperando decisão pro caso dele. Foi uma discussão longa, e receberam essa pessoa que teve dificuldade de se adaptar e não poder sair agora, continuar preso como ele estava no leito psiquiátrico. Em Resende há muitos casos de COVID, na RT nenhum, vem tentando manejar isso da melhor forma. No 18 de maio fizeram churrasco, há uma equipe grande com 18 pessoas, duas pessoas estão afastadas, e recebem suporte do CAPS nas situações em que consideram grave.

Andreia Satler (RT - Rio das Ostras): Está na RT desde 2016 quando houve desins, são 9 pacientes, lá é tipo II, com cadeirantes, com todos os tipos de pacientes que uma residência pode ter. Em Rio das Ostras tiveram 23 óbitos, há número elevado de casos de COVID no município. Prefeitura fez teste rápido de todos os moradores, cuidadores, todos deram negativo, tiveram afastamento de funcionários mas são coisas pontuais. Pacientes interagem muito na internet, veem TV a cabo, sabem usar telefone. A maior dificuldade está sendo ter aula online. Há moradora que estuda a noite e é extremamente difícil ter que ensinar dever online. Tem paciente que gosta de (trecho incompreensível), a gente vai, traz de volta, o que é uma coisa normal de residência. Tem também feito oficina online com o CAPS, estão sendo hiper parceiros, fazem GAM online porque não podem ir ao CAPS, e eles amam o CAPS, tem um centro de convivência que fazem todo um acolhimento e que eles sentem muita falta. Pandemia está sendo muito difícil pra eles. Todos eles adoram usar máscara, foram feitas máscaras bem criativas e eles amaram. O diferencial em Rio das Ostras é que por conta de um concurso público, todos os cuidadores são técnicos de enfermagem, então a questão com a higienização não é um problema. É uma casa ampla, foi separado um quarto em caso da necessidade de isolamento. Cuidadores fazem festa com eles, fazem churrasco, eles amam a live do Gustavo Lima, colocam o som no último volume e cantam, coisas que não faziam antes estão fazendo hoje, interagem inclusive online com cuidadores, e estão manejando com tranquilidade inclusive os surtos dentro da RT.

Vivian Teixeira (RT IPUB - Rio de Janeiro): É coordenadora das RTs do IPUB, residências próximas que ficam na Tijuca. Tem sido um desafio passar pela pandemia, porque o trabalho era todo voltado à autonomia, e a gente vinha tendo muitos ganhos, eles estavam indo no mercado, os vizinhos começavam a perguntar por eles, e estão tendo que pensar em como trabalhar essa convivência entre eles porque o que eles mais querem é estar na rua. Alguns com muito trabalho conseguimos conscientizar quanto aos cuidados com higiene, outros a gente tem que poder entender que é preciso circular. Estão dando continuidade com trabalho dos serviços essenciais, se ir ao mercado que pra um deles é muito importante, por exemplo, fazem como se fosse com a gente, na volta tomar um banho e todos os outros cuidados, mas tem sido um desafio, tem que ter criatividade para lidar com isso. Cuidadores investiram muito na tecnologia, tiveram alguns que ficaram muito mais depressivos, tinham essa coisa da atenção, falavam com a família, então investiram nas vídeo

chamadas, ter um tablet pra eles usarem, tivemos que ter intensidade maior em relação à comunicação por meio da tecnologia. O CAPS aqui no Rio tem a questão de justo nesse momento ainda estar sofrendo com as trocas dos profissionais, a questão dos trabalhadores com o vínculo de trabalho frágil, ainda estamos lidando com os afastamentos de muitos profissionais e as mudanças. Então com o CAPS temos conseguido parcerias, visitas infelizmente mais por conta da medicação. Trabalhadores têm aproveitado as oportunidades para fazer novos vínculos com as clínicas da família já instituindo um novo trabalho, conversando remotamente. E o grande desafio tem sido a questão dos recursos humanos, há dois cuidadores que precisaram ser afastados, duas técnicas de enfermagem que pediram pra sair desse cuidado, então é outro desafio.

Maria Emyllia Poleschuck (Acompanhante terapêutica na zona oeste - Rio de Janeiro):

É acompanhante terapêutica numa RT vinculada ao CAPS Bispo do Rosário. Essa RT tem condição especial, é um condomínio de 10 RT's, são mais de 70 moradores nesse condomínio na zona oeste. Por conta do COVID, conseguiram criar um espaço para isolamento. Tem uma área de uso comum que foi reformada para atender todas as normas de segurança, e os moradores que apresentam sintomas são remanejados temporariamente para lá. Os cuidadores enfermeiros se revezam para estar lá. A maioria dos moradores são muito idosos, de 85, 86 anos, estávamos com medo grande de o COVID chegar nesse condomínio. Mesmo com todos os cuidados, nessa área externa há uma pia para os cuidadores higienizarem as mãos e os braços, trocavam de roupa, ainda assim tiveram casos lá. Tiveram dois óbitos e duas internações. Acompanha duas RT's, um óbito e uma internação foi numa delas em que trabalha. O morador que foi internado ficou por 20 dias mas teve alta, tem 82 anos. A moradora que faleceu tinha 86 anos, então depois desses óbitos reforçaram ainda mais as questões de higiene. Quando cuidadores estão vindo da rua com compras, há área separada para higienização desses produtos em cada RT. Há dificuldade em relação a pessoal, tiveram vários casos de cuidadores com sintomas de COVID que foram afastados, então é uma dificuldade manejar. Esse condomínio, o Estela, ele tem a particularidade de a maior parte dos moradores serem idosos, então a questão da esquizofrenia não aparece com tanta frequência, mas por não poderem circular os quadros de crise começaram a aparecer mais. O CAPS Bispo esteve bem presente, é um CAPS III, então em situações mais severas ou mesmo com dificuldade de manejo pelos cuidadores o CAPS possibilitava o acolhimento

desses moradores, para um melhor manejo. Acabou sendo uma novidade para muitos cuidadores, porque muitos moradores são cadeirantes, acamados, então os cuidadores não tinham tido essa experiência de ver uma crise, de ver um surto, então tiveram que trabalhar isso com eles, esse desconforto, estavam acostumados a lidar com um senhorzinho, uma senhorinha que precisam dos cuidados diários. Como estão confinados, tem feito tarde da pizza, tarde do hambúrguer, lives de música, de dança, alguns moradores que iam pra escola tem sentado pra fazer algum trabalhinho, então tem tentado dessa maneira. Tem sido difícil mas estão tentando manejar. Moradores têm entendido, questionam se a doença ainda tá aí, se está matando, alguns não entendem. Alguns falam sobre política, “mas e o prefeito? O prefeito não tem feito nada sobre essa doença? E o presidente?”, tem sido mais ou menos assim.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): É a pergunta que todos temos feito, se tem prazo para isso acabar.

Greice Carius (RT - Paty do Alferes): É coordenadora da RT em Paty de Alferes há 12 meses. A experiência é parecida ao que muitos já falaram. Como em Paty não há muitos casos, o manejo está sendo fácil nesse momento. O que tá sendo difícil pros moradores é o que foi interrompido, há moradores que estavam na equoterapia e foi interrompida, na hidroterapia e foi interrompida, as atividades anteriores à pandemia foram todas interrompidas, então não foi muito agradável. Ela (Greice) juntamente com o coordenador geral de saúde mental entenderam que entre uma paciente desestabilizar por não dar conta de estar confinada ou conseguir ir na rua nem que seja uns 10, 15, 20 minutos, entraram num entendimento para permitir que essa moradora saísse uma ou duas vezes na semana no máximo, ela mostrava pra gente que ia desestabilizar em algum momento. Era a moradora mais autônoma da casa, que antes ir na rua todo dia, visitava parentes, para ela foi mais difícil, então tivemos que ter olhar diferenciado. Quando sai, sai com todas as medidas de segurança, com máscara, com luva, quando chega vai diretamente pro banho, tem-se todo um cuidado com a roupa e calçado, e com os outros moradores temos a rotina da casa, num momento de desestabilização de algum deles ela consegue levar ao CAPS para passar pelo psiquiatra ou psicóloga. Em casa, tem feito todas as festinhas de aniversário, isso era vivenciado por eles antes, saiam pra escolher o que queriam para a festa, então nesse

momento ela pergunta qual torta, o que vai querer, e ela providencia para que eles não tenham que se expôs apesar dos poucos casos em Paty. Alguns da equipe vem do Rio e tomam todo o cuidado, precisou afastar um técnico mas já está retornando, há trabalhadora que trabalha em hospital na linha de frente e ela precisou afastá-la para impedir que moradores se contaminem, mas tem sido tranquilo, não tiveram nenhum caso de síndrome gripal e estão conseguindo dar conta. Equipe, secretaria de saúde e CAPS estão dando todo o apoio necessário porque não é fácil, repetir para eles que eles não podem sair e que remete muito à experiência nos hospitais psiquiátricos. A realidade em Paty não é a de outros lugares, a alguns moradores homens têm permitido ir ao barbeiro. Agradece a participação.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): A roda está sendo muito rica, importante registrar o cuidado e dedicação das equipes nas residências, há casos de doença e de óbitos sim, é uma população muito vulnerável por ser idosa e por outras vulnerabilidades, mas de uma forma geral estamos percebendo que as residências estão sob cuidado. Buscaremos informações mais objetivas em relação aos equipamentos de proteção individual, em relação aos casos de sintomáticos respiratórios que ocorreram para também poder compartilhar com o restante da rede de saúde mental. Chamou a atenção a articulação com os CAPS que tem aumentado nesse período da pandemia, e também a busca por articulação maior com a atenção primária, a atenção básica, porque precisa desse apoio, são algumas adaptações que podemos considerar positivas que as residências tomaram. No mais os relatos são de muito cuidado com os moradores, os cidadãos brasileiros que vivem nas residências terapêuticas.

Sinelle Vale (Psicóloga e familiar de usuário do CAPS - Rio de Janeiro): Agradece pelas falas e convida a cada um para a live que fará às 19:00 sobre violência virtual, no perfil do Instagram chamado Transformapsico, para compreender um pouco sobre esse tema tão complexo com uma pesquisadora da área, da Fiocruz. O sentimento que fica é de gratidão.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Informa que várias pessoas que pediram para falar pelo chat não estão mais presentes. Ao longo do tempo muitas pessoas foram escrevendo no bate-papo que a roda de conversa estava muito boa, agradecendo. O André que é familiar disse que tem muito contato com o CAPS mas que está

achando ótimo ter contato com o que ele chama de tropa de elite da saúde mental, houve várias interações pelo bate papo ao longo do tempo em que foram falando.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Várias pessoas perguntaram sobre o material da roda, que é um material muito rico, e os relatos serão editados pela Pamela que é a fotógrafa e editora dos vídeos da Frente Estamira, e os dados serão disponibilizados pelo site da Frente Estamira, a Priscilla tem buscado atualizar os dados. Nesse momento da pandemia temos que ter o máximo de cuidado com as residências, porque é uma população em sua maioria idosa, e quando não são pessoas que passaram por um longo período de internação, e portanto por uso crônico de medicamentos e várias outras coisas que podem significar fragilidade, mas essa roda, além de tentar prestar solidariedade a todos os cuidadores, técnicos de referências e acompanhantes terapêuticos, ela também é uma maneira de chamarmos atenção no campo da saúde pública no tempo da pandemia para esses dispositivos que são extremamente importantes. Pegando os dados, nas diversas residências existentes temos próximo de mil moradores, levantaremos isso, e que estão sendo cuidados de uma maneira muito atenta, ficou impressionado com os relatos porque transparecem uma empatia muito grande dos cuidadores com as pessoas residentes nessas RT. Ao longo da roda tivemos cerca de 70 pessoas presentes, foi muito boa. Lívia está oculta mas é a pessoa que faz a ata dessas nossas reuniões, está presente. Agradece os que estão presentes, aqueles que não conseguiram relatar porque não conseguiram entrar na reunião, o que acontece com certa frequência, agradecemos pela disponibilidade.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim / NUPPSAM / Frente Estamira): Tem uma pessoa perguntando como é que pega o link dos relatórios, essa roda em específico vai ser transformada em vídeo e ficará disponível na página do NUPPSAM no Youtube. As outras temos disponibilizado o relatório no grupo do Whatsapp, quem não participa da Frente acesse o site frenteestamira.org e preencha o formulário para passar a ter acesso a esse material.

Redigido por Lívia Esteves em 4, 5 e 09/06/2020.

Revisto pelos participantes em 10 e 11/06/2020.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 2020.

Frente Estamira de CAPS - Resistência e Invenção.